

Sequência didática: diálogo e reflexão filosófica

Geina Emilia Germano da Silva

Professora de Filosofia

geinaemilia@yahoo.com.br

Lourival Bezerra da Costa Júnior

Professor de Filosofia

preamhasido@hotmail.com

INTRODUÇÃO

É consensual na literatura que, a partir do diálogo presente na obra *A República*, entre outros clássicos de Platão, a apresentação das discussões de problemas filosóficos é importante para pensar e compreender a filosofia e o ensino de filosofia.

Particularmente na escola, o professor tematiza através de diálogos, unindo o passado e o presente, para que seus alunos reflitam sobre a importância da compreensão no que diz respeito aos textos reflexivos. Compreende-se que novas leituras devem ser feitas, principalmente nas obras clássicas de filosofia, pois fornecem diagnósticos críticos, como também proporcionam ações transformadoras. E essas leituras devem ser introduzidas em discussões contemporâneas para que os alunos compreendam a importância de estudar esses textos.

Para que isso ocorra, deve-se refletir com os alunos sobre o *Mito da Caverna*, de Platão. Com isso, se faz necessário investigar as diversas nuances que nos oferece essa ferramenta chamada *Mito*. Nessa reflexão, é importante entender a antiguidade, a busca da filosofia, ou seja, do conhecimento. Para essa compreensão, é então introduzida a sabedoria de um dos mais renomados filósofos, Platão, que diz: “[...] graças a uma correta educação combinada a uma felicidade natural se converte ordinariamente na mais divina e na mais dócil de todas as criaturas, à falta da educação suficiente e bem orientada, é a mais selvagem de todas sobre a Terra” (PLATÃO, 1999b, p. 248).

No sentido indicado, refletir sobre o *Mito da Caverna*, história alegórica que faz parte da obra *A República*, de Platão, se torna pertinente no ambiente escolar. Em consequência disso, surgem algumas indagações, tais como: É possível a filosofia despertar no aluno de Ensino Médio o desejo do conhecimento? Será que é importante

interligar o *Mito* com a realidade atual? Qual o imaginário dos alunos frente ao *Mito da Caverna*?

No âmbito do ensino de Filosofia no Ensino Médio é comum nos depararmos com as dificuldades dos alunos frente à argumentação filosófica. Na escrita de textos filosóficos percebemos que os alunos limitavam-se à simples exposição de ideias não fundamentadas ou à reprodução de trechos dos textos do livro didático e/ou da internet.

Como uma maneira de minimizar esse problema propusemos o estudo da metodologia *elêntica* socrático-platônica. Esse estudo foi realizado por meio do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Filosofia – PRO-FILO, o qual foi desenvolvida a pesquisa de dissertação denominada: *O Mito da Caverna: Uma reflexão crítica para o processo de Ensino Aprendizagem dos alunos no Ensino Médio*¹, da qual derivou a presente sequência didática, Produto Técnico Tecnológico – PTT, o qual atende aos requisitos da área de Ciência Humanas e Sociais/CAPES.

Os resultados positivos do estudo foram identificados pela professora/pesquisadora e validados pelos alunos envolvidos no projeto. O estudo sobre o Mito da Caverna do capítulo VII da obra *A República* de Platão, realizado por meio de sequência didática, pode contribuir para que os alunos desenvolvam o diálogo e uma melhor reflexão filosófica, contribuindo para o processo de ensino aprendizagem dos mesmos. O impacto social esperado atende a uma demanda espontânea identificada no contexto da pesquisa e teve por finalidade auxiliar no estudo da argumentação filosófica no âmbito do ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Para alcançar o objetivo esperado com a aplicação do recurso didático, ele deverá ser utilizado nas condições citadas pelo mesmo: número de alunos, utilização dos recursos indicados e realização de todas as etapas.

Especificamente, a pesquisa propicia, estimular os alunos, por meio do *Mito da Caverna*, a pensarem de modo mais crítico, profundo, sistemático e a adquirirem conhecimentos e atitudes que servirão de base para o seu próprio desenvolvimento pessoal e social. Dessa forma, deve-se suscitar no aluno do Ensino Médio a curiosidade e levá-lo à conhecer a filosofia não apenas como uma disciplina com conteúdos a serem memorizados, mas como “modo” de pensar a vida e o mundo. A filosofia, portanto, poderia criar atitudes que vão além do senso comum, com conteúdos que não se prestam

¹ <https://drive.google.com/file/d/1FL9ymr5i10xp4TC3c0AjXQSGBclV8hyf/view>

à mera memorização, mas que despertem o senso crítico, através do conteúdo, com o objetivo de construir o pensar.

Recorrendo à metodologia platônica, por meio do diálogo como referência para o desenvolvimento do processo educacional, a investigação utiliza-se de uma pesquisa qualitativa, com base em entrevistas e questionários, realizada com os alunos de Filosofia no ensino médio. Para tanto, parte-se da hipótese de que o pensar reflexivo far-se-á necessário para aperfeiçoar as práticas e tornar as aulas mais prazerosas e significativas no Componente Curricular de filosofia, como também incentivar os alunos a desenvolverem o processo de criticidade.

TEMA: Reflexão filosófica.

OBJETIVO: Apresentar para os alunos a importância do estudo de conteúdos filosóficos no Ensino Médio, como o Mito da Caverna de Platão que ajuda a instigar o pensamento crítico e conhecimento que será de base para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade.

CONTEÚDOS: Mito da Caverna, Diálogos, Platão e reflexão filosófica

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DA BNCC A SEREM DESENVOLVIDAS:

Competências Gerais da Educação Básica: Competência n. 7: “Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta” (BRASIL, 2018, p. 9).

Habilidades das Ciências Humanas e Sociais específicas para o Ensino Médio:

(EM13CHS103) Elaborar dados, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros) (BRASIL, 2018, p. 572).

TEMPO DE EXECUÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 10 horas aula

QUANTIDADE DE ALUNOS: 20

MATERIAIS NECESSÁRIOS PARA A EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA: texto sobre o Mito da Caverna de Platão para os diálogos, produções textuais, caneta e papel, data show e caixa de som.

SEQUÊNCIA DAS AÇÕES:

Aula 1: Apresentação do Projeto com a participação dos alunos no questionário de diagnóstico

Aula 2: Leitura introdutória, coletiva sobre a metodologia de Platão.

Aula 3: Leitura sobre a República de Platão com debate e diálogos

Aula 4: O professor deve orientar a pesquisa do texto filosófico que trata do tema escolhido, com leitura em grupo do livro VII de A República o Mito da Caverna;

Aula 5: Pesquisa em grupo sobre a relação entre o Mito da Caverna e o filme Matrix;

Aula 6: Apresentações sobre o Mito da Caverna e a relação com o filme e a sociedade;

Aula 7: Produção de texto reflexivo sobre a relação entre o Mito da Caverna e o contexto atual dos alunos;

Aula 8 e 9: Apresentação em sala de aula em forma de poesia e música questões relevantes sobre a obra e o nosso dia a dia;

Aula 10: Atividade de socialização: café filosófico com a participação de todos os alunos da turma.

SUGESTÕES DE TEXTOS E MATERIAL PARA SEREM UTILIZADOS NAS AULAS

Texto 1:

A República de Platão

A obra é dividida em 10 livros, organizados em forma de diálogos, tendo Sócrates como o personagem central. Podem ser destacados também, além da política e justiça, outros problemas que enriquecem a obra: “É também um tratado de reforma educativa, de teoria estética e de psicologia social, de problemas metafísicos e éticos, em que se destaca o papel da dialética em relação às funções da alma e à teoria das ideias ou formas” (PAVIANI, 2003, p. 16).

Quando retornamos a República, encontramos o interlocutor Sócrates dando definições de justiça [...], ele esboça um ambicioso programa de estudo, o qual nos levará do mundo irreal dos objetos sensíveis e terminará por culminar no entendimento da forma do bem e na unificação de todas as esferas do conhecimento (KRAUT, 2015, p. 21). Assim como em quase todas suas obras Platão atribui à Sócrates o papel de protagonista

Texto 2:

Mito da Caverna de Platão

Platão em vários de seus diálogos recorre ao mito, abordando vários problemas e o método dialético. Este trabalho tem como destaque O Mito da Caverna, que foi escrito por Platão no livro VII de A República. Trata-se de um diálogo metafórico em que as falas na primeira pessoa são de Sócrates, e seus interlocutores, Glauco e Adimanto, são os irmãos mais novos de Platão. No diálogo entre Sócrates e Glauco ele demonstra as características de quem habitava a caverna:

[...] Uma vez que os filósofos são aqueles que são capazes de atingir aquilo que se mantém se perder no que é múltiplo e variável, não são os filósofos, qual das duas espécies deve ser chefe da cidade? - Que hei-de eu dizer para dar uma resposta adequada? - Que aquele dentre os dois que parecer capaz de guardar as leis e costumes da cidade, esse mesmo seja

nomeado guardião. - Exatamente - corroborou ele. - Acaso não é evidente - prosseguiu eu se deve ser um cego ou uma pessoa de visão clara que fica de atalia a tomar conta do que quer que seja? - Como não havia de ser evidente? (A República, 484 b).

Ele demonstra que o filósofo é capaz de atingir a filosofia e governar a cidade. Platão utilizou uma linguagem mítica. No texto, Sócrates solicita que Glauco imagine um muro bem alto separando um mundo externo de uma caverna, na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior.

Sócrates – Suponha ainda ao longo daquele pequeno muro homens que carregam todo tipo de objetos que aparecem por sobre o muro, figuras de animais e de homens de pedra, de madeira, de todos os tipos de forma. Alguns dentre os homens que as carregam, como é natural, falam, enquanto outros ficam calados (PLATÃO, 2017, p. 237).

No interior da caverna existem seres humanos que nasceram e cresceram ali, esses seres humanos ficam sempre de costas para a entrada, acorrentados, sem poder mover-se, forçados a olhar o fundo da caverna, de onde são projetadas sombras de outros homens, e onde mantêm acesa uma fogueira.

Seres humanos comuns, intocados pela educação filosófica, encontram-se agrilhoados como prisioneiros em uma caverna e forçados a vislumbrar através das sombras criadas pela luz artificial e lançadas por artefatos reunidos em sequência por manipuladores que não são vistos (514a - 519a). Sua concepção do que existe e do que tem valor é tão severamente limitada e tão sistemático é o engano pelo qual são vitimados, que eles não podem nem mesmo reconhecer que estão confinados, razão pelo qual não veriam de imediato uma interrupção em seus modos rotineiros de pensar como libertação (KRAUT, 2015, p. 78).

No diálogo, Platão sugere que um destes homens consiga se libertar e então perceba sua situação, passando a enxergar os objetos externos e também as projeções que refletem a imagem no muro. Aos poucos vislumbrou um mundo com natureza, imagens, diferente do que conhecia.

Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea

e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem. [...]. Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos (PLATÃO, 2004, p. 287 - 291).

Como cita Chauí (1994, p. 260), “Platão narra um parto: o parto da alma que nasce para a verdade e é dada à luz”. Diante dessa descoberta, o indivíduo que conseguiu se libertar vive uma situação de dúvida, se volta ou não para avisar aos outros. Segundo Platão (2004, p. 94), “se ele voltar e revelar o que viu correrá sérios riscos, desde ser ignorado, até ser morto por eles, que o tomarão por louco e inventor de mentiras”.

A sabedoria platônica consiste em atingir a plena visão do sol. Mas isso, longe de ser fácil, supõe um processo de acesso lento e doloroso, de libertação progressiva das cadeias do mundo das sombras. Quando um deles é libertado é compelido repentinamente a parar de pé e voltar-se a caminhar e olhar para a luz (BORNHEIM, 2010, p. 79).

Assim, analisando o mito da caverna de Platão, quando o prisioneiro se “liberta da caverna”, o que na verdade ele está fazendo é buscar a natureza da verdadeira realidade que o conduz, assumir riscos é importante para alcançar a sabedoria, pois passará por um processo de verdadeiro conhecimento, por não se contentar com uma suposta verdade que lhe foi imposta durante toda a vida. É esta “chama” da busca do conhecimento que não

deve ser apagada jamais. “Saber em que mundo se vive permite que se viva nele de outra maneira, como homem livre e não mais como prisioneiro manipulado pelos exibidores de marionetes. Mas é ainda mais difícil anunciar a boa nova da libertação” (JEANNIERE,1995, p. 90).

O retorno à caverna parece, como sugere Silva (1993), estar inscrito no próprio espírito político da filosofia, que obriga o filósofo a voltar e mesmo que seja tratado como um estranho deve buscar diálogo com os demais, neste sentido aparece inscrito um espírito de coletividade no ato de filosofar porque aquele que saiu da caverna deve agora retornar e coletivizar a sua experiência.

O prisioneiro que se escapou da caverna onde só contemplava sombras e que chegou à clara luz do dia, à visão da realidade, não deve guardar as suas descobertas só para si, não pode deixar de voltar atrás, deixar de descer à caverna, deixar de trazer aos outros prisioneiros, menos favorecidos pela sorte, um reflexo da luz que ele contempla (KOYRÉ, 1963, p. 101).

Ainda que possa não ser compreendido ou até morto, pois alguns podem achar que ele esteja louco, mas esse retorno pode ser considerado como um dever, porque mesmo que lhe tirem a vida, não poderiam tirar dele o que foi conquistado: o conhecimento e a verdade acerca das coisas.

No Mito da caverna, Platão divide em duas realidades: a sensível, que se percebe pelos sentidos, e a inteligível (das ideias). O primeiro é o da imperfeição e, o segundo encontraria toda a verdade possível para o homem. O indivíduo que consegue desvincular-se dos sentidos e vislumbrar as ideias, será capaz de conhecer algo para Platão. Pois é nas ideias que está o verdadeiro conhecimento (episteme), onde vislumbramos não mais as aparências e sim a forma das coisas.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, G. A. **Introdução ao Filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. São Paulo: Globo, 2010.

CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JEANNIERE, A. **Platão**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

KOYRÉ, A. **Introdução à leitura de Platão**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1963.

KRAUT, R. (Org.). **Platão**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

PAVIANI, J. **Platão & A República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.